

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DAS EXPERIÊNCIAS DE UMA
LICENCIANDA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA**

Yngriah Maria de Aquino Didoné

São Carlos – SP

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DAS EXPERIÊNCIAS DE SER
PROFESSORA NO ENSINO PÚBLICO POR UMA LICENCIANDA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Yngriah Maria de Aquino Didoné

Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Doutor Osmar Moreira de Souza Júnior, apresentando “Narrativas (auto)biográficas das experiências de ser professora no Ensino Público por uma licencianda em Educação Física”, ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de São Carlos.

São Carlos – SP

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Banca Examinadora:

- Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior
- Titular 1: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos
- Titular 2: Prof. Ms. Junio Pereira Virto de Oliveira
- Suplente 1: Prof. Dr. Fernando Donizeti Alves
- Suplente 2: Profa. Ms. Mariama Silva Gouvêa Barreto

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Professor Doutor Osmar Moreira de Souza Junior, pela orientação, paciência e apoio contínuo, por me atribuir a oportunidade de fazer parte do Programa Residência Pedagógica 2022, e principalmente por acreditar que a educação é transformadora. Seus conselhos foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Aos meus familiares, em especial, meu pai Eugênio Donizete Didoné, minha mãe Rosângela Aparecida de Aquino Didoné que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo amor, dedicação, preocupação e incentivo. Sem o apoio de vocês, essa jornada teria sido muito mais difícil.

A todos os professores e profissionais do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana, em especial aqueles que tive mais contato e compartilhei ideias transformadoras, e que de alguma forma, contribuíram para o meu aprendizado e desenvolvimento durante essa caminhada.

Ao Programa Residência Pedagógica 2022, da turma de Educação Física UFSCar, e todos envolvidos no PRP, em especial ao Professor Preceptor Mário Lúcio de Amorim, que me acolheu, compartilhou seus saberes e desenvolveu uma parceria colaborativa, na qual sou imensamente grata.

Aos meus amigos e colegas de curso, que compartilharam ideias, momentos de reflexão e boas risadas ao longo dessa trajetória. O apoio mútuo e a cooperação foram essenciais para minha formação crítica.

Muito obrigada!

RESUMO

A memória é um dispositivo essencial para os registros, sabemos que alguns aspectos não podem ser gravados ou capturados por gravadores de vídeos, como os cheiros, sabores, olhares, sorrisos, gestos corporais, impressões e comentários. O presente trabalho surge no contexto da minha trajetória durante o Programa Residência Pedagógica, contudo com uma visão mais amadurecida, agora buscando investigar e apresentar algumas problemáticas que foram atribuídas como parte da formação, pela busca do processo de ressignificação do curso de licenciatura em Educação Física, no intuito de auxiliar e promover o conhecimento compartilhado com aqueles que fazem parte do sistema escolar. Partindo deste contexto, a presente pesquisa tem por objetivo analisar por meio de narrativas (auto)biográficas, casos de ensino experienciados no Programa Residência Pedagógica. Sendo essa uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizo a narrativa (auto)biográfica, com o objetivo de proporcionar ao leitor reflexão e significado das passagens apresentadas, explorando as experiências, aprendizagem, frustrações, insatisfações e superações que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal. As narrativas vivenciadas durante o Programa Residência Pedagógica, foram desenvolvidas em uma Escola Estadual no município de São Carlos – SP, para as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, utilizo o conceito da experiência, evidenciando que essa participação me aproximou para o conhecimento da realidade escolar, na qual trago a apresentação de casos de ensino, ferramenta pedagógica essencial no contexto educacional, com grande importância no processo de ensino e de aprendizagem. Além disso, como resultado de pesquisa, destaco a importância da parceria colaborativa, das abordagens pedagógicas que problematizam a competitividade, o desenvolvimento de aulas inclusivas, as dificuldades de estar na regência pela primeira vez, dentre outros paradigmas que a experiência imersiva na escola pública pode me proporcionar.

Palavras-chaves: Educação Física escolar; Programa Residência Pedagógica; Experiência; Casos de Ensino; Formação docente.

SUMÁRIO

1. O QUE ME LEVOU A SER QUEM SOU	8
2. PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (PRP).....	11
3. A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COMO PRECURSORA DAS EXPERIÊNCIAS.....	13
4. CASO DE ENSINO PARA QUEM ENSINA: METODOLOGIA DE ENSINO QUALITATIVA.....	15
5. PRIMEIRO CONTATO COM O MEIO ESCOLAR NO PRP: O INÍCIO DE TUDO.....	18
6. APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO PARTILHADO.....	21
7. CASOS DE ENSINO.....	25
7.1 PLANO DE AULA: PRIMEIRA CRIAÇÃO DE UM PLANO DE AULA, DISTRIBUIÇÃO DE TURMAS.....	25
7.2 PLANO DE AULA: ENSINO ADAPTADO AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	26
8. EPÍLOGO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.....	32

1. O QUE ME LEVOU A SER QUEM SOU

Durante todo o Ensino Fundamental estudei em uma escola particular de São Carlos – SP, isso só foi possível por conta da bolsa de estudos que adquiri. Uma das principais características dessa escola, era a valorização dos esportes. Eu, como aluna que teve a oportunidade de estudar nessa escola, garanti o meu lugar como a protagonista da minha própria história. A protagonista em um cenário que sempre foi baseado e repleto de experiências com o ambiente esportivo. No final do 9º ano, para ingressar no Ensino Médio, a bolsa de estudos havia se encerrado, o que implicaria em arcar com o pagamento do valor integral das mensalidades para continuar frequentando a escola, realidade inviável para minha família na época. Desse modo, minha alternativa foi procurar outra escola.

Tive meu primeiro contato com a escola pública no Ensino Médio, aquela realidade positiva desenvolvida no Ensino Fundamental com a Educação Física mudou, eu sabia que aquele estilo de ensino não era adequado, porém, sem uma fundamentação que me permitisse compreender o papel da área de Educação Física na escola eu não conseguia justificar e analisar o prejuízo que isso poderia causar na educação.

No meu último ano do Ensino Médio comecei a pensar na possibilidade de cursar uma faculdade de Educação Física. Em 2020 passei nos processos seletivos da Universidade Estadual Paulista (UNESP) campus de Rio Claro e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no curso de Educação Física, tendo em vista que resido em São Carlos, pela questão de logística, optei pela UFSCar. Ainda influenciada pelo vazio metodológico, didático e pedagógico que o Ensino Médio me mostrou sobre a Educação Física, ingressei na graduação em licenciatura, por conta da nota de corte ser inferior a minha nota final, desse modo, sendo garantida a vaga, porém eu tinha o intuito de transferir internamente para o curso de bacharelado, já que meu foco era atuar fora do ambiente escolar.

Pelo fato de 2020 ter sido um ano atípico por conta da crise sanitária originada pela COVID-19, a educação passou por um processo de mudança pedagógica do ensino presencial, sendo ofertada de forma remota, modalidade que na UFSCar ficou intitulada Ensino Não Presencial Emergencial (ENPE). Durante o meu primeiro ano de curso, tive contato com disciplinas de ambas as áreas, bacharelado e licenciatura, sendo que os

conteúdos reflexivos da licenciatura provocaram maior reflexão crítica, gerando a sensação interna de querer fazer parte daquilo, do “mundo da Educação”, contudo, sendo apenas um primeiro contato mais aprofundado, nada era certo. Nesse mesmo período durante a disciplina de Fundamentos do Lazer experimentei novamente a sensação de que eu precisava provar para algo/alguém que eu era capaz de pertencer a um lugar de modo que a avaliação ou taxação dos meios não deveriam ser limitadoras. Toda essa revolta surgiu quando fui questionada abertamente em sala sobre a autenticidade da produção textual de um resumo feito por mim, pois o leitor estava incrédulo de que uma aluna de graduação, ainda mais sendo mulher, tivesse o potencial de escrever tal referencial.

Nesse momento comecei a entender que a sociedade é programada para dar espaço a poucos, tudo faz parte de um processo excludente, a “meritocracia”, a desigualdade, a misoginia, o sexismo, estão presentes e acompanham meus passos desde o momento que eu só tive a oportunidade de estudar em uma escola particular sendo bolsista. Assim sendo, considero que parte do meu processo na educação vem acompanhado de preconceito e desigualdade. Eu ainda busco pela resposta do que é ser professora, e talvez eu nunca a encontre, mas como parte de toda minha história como pessoa social, e pela forma que cheguei até aqui, quero diariamente transformar e impactar nas escolhas daqueles que um dia chamarei de alunos. Ser professora é um ato de amor... e como diz Paulo Freire: de coragem. Não apenas, o fato de eu conseguir compartilhar o que penso, e saber que de alguma maneira isso será absorvido por alguém, te torna cidadão, simplificando, a simples ação de você estar aqui podendo ler minhas palavras te coloca a frente de garantir uma cidadania. Como diz Paulo Freire, a violência não é apenas aquela que fere visualmente, exemplo disso é a violência que o analfabetismo realiza, a de castrar o corpo consciente e falante, realizando o ato de os proibir de ler e de escrever. Sabendo que as sociedades são criadas por relações entre linguagem, pensamento e realidade, o analfabetismo representa um obstáculo à assunção plena da cidadania.

O ato de escrever e ler, não te garante o direito como cidadão pelo fato de saber realizar essas ações. Isso não é um exercício mecânico. Como Paulo Freire (1996) afirma: "Há um movimento dinâmico entre pensamento, linguagem e realidade do qual, se bem assumido, resulta uma crescente capacidade criadora de tal modo que, quanto mais vivemos integralmente esse movimento tanto mais nos tornamos sujeitos críticos do processo de conhecer, de ensinar, de aprender, de ler, de escrever, de estudar". De certa

forma esse primeiro contato com a graduação me trouxe uma nova perspectiva sobre atuar no ambiente escolar, havia o interesse em me tornar Professora, porém, eu precisava viver mais, estar mais, presenciar mais, estudar mais os movimentos desenvolvidos na escola, para iniciar de fato o meu espaço como sujeito crítico aos processos escolares.

2. PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (PRP)

Em março de 2018, no Brasil foi criado o Programa de Residência Pedagógica (PRP) do Ministério da Educação (MEC), descrito no Edital 6/2018 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pela Política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, este edital objetivou selecionar Instituições do Ensino Superior (IES) públicas, que possuíam cursos de Licenciatura participantes do Programa Universidade para Todos, para implementação de projetos inovadores que estimulavam a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica.” (CAPES, 2018, p. 1).

A residência pedagógica era uma atividade de formação realizada por um discente regularmente matriculado em curso de licenciatura e desenvolvida numa escola pública de educação básica, denominada escola-campo, na qual o aluno residente teria o total de 440 horas de atividades distribuídas da seguinte forma: 60 horas destinadas à ambientação na escola, 320 horas de imersão sendo 100 de regência, que incluirá o planejamento e execução de pelo menos uma intervenção pedagógica e 60 horas destinadas à elaboração de relatório final, avaliação e socialização de atividades. Não apenas, o aluno residente tinha como garantia uma cota correspondente a 18 parcelas mensais de bolsa. Após a decisão de ingressar no magistério, em agosto de 2022, tomei conhecimento da abertura do Programa Residência Pedagógica na UFSCar, cuja área de Educação Física estava sob a orientação do Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Junior, do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), intitulado por: “Parceria colaborativa na formação de professores: pesquisas e práticas docentes contextualizadas”.

Fiz minha inscrição para o processo seletivo do PRP, no qual foram classificados 15 alunos, sendo os mesmos destinados a três escolas estaduais distintas. A Escola Estadual Attilia Prado Margarido, localizada no bairro Jardim Santa Felícia em São Carlos - SP foi a designada para minha atuação e de mais quatro colegas como residentes. O Professor Preceptor Mário Lúcio de Amorim Filho foi quem nos acolheu durante os 20 meses de programa, sendo um dos pilares para a escrita do presente trabalho de conclusão de curso, já que o mesmo auxiliou, apresentou e motivou minhas experiências com o meio escolar.

Como o próprio título do PRP apresenta, a parceria colaborativa foi o principal movimento de avanço pedagógico e social para minha formação. Toda troca de experiência, rodas de conversas, debates, modificações e estratégias de ensino compartilhadas com o professor Mário me alavancou para fazer parte do meio escolar. A exposição de todo meu processo e vivências durante o PRP, tem como objetivo compartilhar com outras pessoas, tais como estagiários, estudantes que fazem parte de programas em escolas, e até mesmo professores dos anos finais do Ensino Fundamental, toda a minha bagagem de experiências e vivências, podendo ser utilizadas como repertório crítico os leitores do meio escolar, que necessitam de ideias e métodos diversificados para a resolução de problemas, conflitos e novas estratégias, não apenas, objetivo a minha auto análise sobre minhas ações como forma de amadurecimento.

Tomando por base esse contexto, a presente pesquisa tem por objetivo analisar por meio de narrativas (auto)biográficas, casos de ensino experienciados no Programa Residência Pedagógica. Dentre eles trago, o planejamento de aulas de ginástica rítmica realizadas por uma graduanda, a inclusão, adaptação e avanço dos conteúdos da Educação Física escolar para os alunos com necessidades especiais, com ênfase no Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Os registros dessa pesquisa, foram coletados pelos diários de campo (DC) e diários de bordo (DB), com observação participante. Para a produção destes dados, estive ativamente envolvida no ambiente/cultura estudada, observando comportamentos, interações e processos enquanto, muitas vezes, participava das atividades. A análise sobre o que se torna importante culturalmente é muito relativa, segundo Geertz (1973), a mesma não pode ser considerada uma ciência experimental em busca de leis, mas sim uma ciência interpretativa, à procura de significado, e é significado sobre minhas ações que venho analisar. A distinção dos meios de coletas ocorre por conta dos DC trazerem uma escrita formal e detalhada atendendo a uma rotina estabelecida para todos os bolsistas do PRP, enquanto os DB foram escritos de forma voluntária, espontânea, informal e pessoal para a coleta de dados rápidos e objetivos, sem brandura.

3. A NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA COMO PRECURSORA DAS EXPERIÊNCIAS

A História é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias.
(Leandro Karnal)

Cheia de informações e saberes, me sentia perdida em encontrar um modo de compartilhar e expressar minhas vivências, até que me foi apresentada a narrativa autobiográfica. A escrita narrativa deve ser vista como um movimento reflexivo de grande importância para a constituição da identidade, principalmente da identidade docente, conforme proposto por Prado e Soligo (2007). Com um olhar à frente da narrativa sendo apenas um instrumento de trabalho, como forma de registro, ela também se revela como uma maneira de exprimir e simbolizar a própria experiência.

Benjamin (1994), nos mostra que além de expressar a própria experiência, a narrativa deve ser observada para além, notando as ambivalências, as possibilidades da situação, do cenário e dos personagens, de uma totalidade de relações. Deste modo, podemos afirmar que narrativas são registros que marcam posicionamento diante da realidade daquele que narra, e principalmente sinalizam os caminhos reflexivos tomados por ele, não podendo ser generalizada ou utilizada como influência genérica, portanto é importante ao leitor, utilizar das passagens narradas como inspiração e não cópia, já que cada realidade necessita de posições especiais.

Não apenas, é descrito que narrar as experiências de sala de aula, auxilia e provoca os professores reviverem suas próprias memórias e as colocam em diálogo com o presente. Neste sentido, Benjamin (1996) afirma que nossas experiências ao serem narradas e relidas futuramente, podem ser utilizadas como memórias que tornam possível entendermos o momento presente. Vale evidenciar que a memória não é apenas conhecer ou reviver o passado, mas principalmente colocar os acontecimentos atuais em uma perspectiva crítica de confronto, auxiliando o amadurecimento e tomadas de decisões atuais, na qual para o professor podem ser aplicadas em novas adaptações em sala de aula, novas metodologias, mudança de didática, mudança no planejamento de aula, dentre outras atividades que devem estar em constante movimento.

Sabendo agora da importância das narrativas ao leitor e até mesmo ao escritor como forma de memória positiva para a tomada de decisões atuais, trago também a importância das narrativas na primeira pessoa, aos aspectos privilegiados no campo

epistêmico da pesquisa qualitativa interpretativista. O uso de narrativas (auto)biográficas como fonte de investigação e método de pesquisa auxilia no reconhecimento da legitimidade da pessoa citada, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela.

A narrativa (auto)biográfica também se faz presente e importante para a área da Educação Física escolar. Desde meados da década de 1980, as aproximações da educação física com a ciências humanas têm promovido uma autocrítica acerca do paradigma biológico que a mesma ressalta, dando ênfase a outros saberes importantes para a área como o aspecto cultural, didático, contexto regional, abertura de diálogo, dinâmico e pedagógico. A pesquisa autobiográfica quando retratada no âmbito latino-americano, busca a valorização da trajetória formativa dos alunos e professores como sujeitos das próprias experiências. A Educação Física por muito tempo foi atribuída por um ensino higienista e autoritário, na qual, o processo (auto)afirmativo de cada indivíduo não era valorizado. A forma como você vê e retrata o outro, diz mais sobre você, do que do próximo.

É preciso analisar as descrições feitas em uma narrativa (auto)biográfica, como forma de estudo crítico da sua visão sobre o campo na qual você está estudando, podemos analisar essa estratégia de ensino na concepção de Ovens (2017), na qual descreve que o uso da narrativa (auto)biográfica na Educação Física pode agregar como método formativo de trabalho com a memória. Nesse contexto, as narrativas permitem a melhor formação do processo de ensino de aprendizagem a partir de disposições e posições baseadas em princípios que vivemos. Todavia a narrativa (auto)biográfica ainda é vista com rigor perante as pesquisas científicas de cunho qualitativo, pois a possibilidade de haver alterações pessoais na pesquisa, pode prejudicar o resultado final da mesma. Contudo, o fato da narrativa (auto)biográfica remeter a valorização de investigações ancoradas na experiência cotidiana do Professor de Educação Física para a consolidação de uma teórica prática positiva, tem gerado grandes resultados no ensino escolar.

4. CASO DE ENSINO PARA QUEM ENSINA: METODOLOGIA DE ENSINO QUALITATIVA

Para aqueles que atuam no ambiente escolar, em princípio os professores, sabem a importância dos casos de ensino. A literatura destinada a casos de ensino apresenta uma variedade de conceitos, maneiras e propósitos na utilização para a formação de professores. Normalmente, um caso é definido como um documento descritivo de situações reais vivenciadas pelo autor, como na presente pesquisa, porém, não requer a necessidade de serem vivenciadas, o objetivo específico dos casos é de serem utilizados como ferramenta no ensino.

Como apresentada por Nono e Mizukami (2002), trata-se de uma representação multidimensional do contexto, participantes e realidade da situação. É criado explicitamente para discussão e procura incluir detalhes e informações suficientes para permitir que análises e interpretações sejam realizadas a partir de diferentes perspectivas. Não apenas, as autoras trazem também o conceito de investigar a base de conhecimento profissional para o ensino, entendida como um conjunto de compreensões, conhecimentos, habilidades e disposições que um professor necessita para transformar o conhecimento que possui do conteúdo em formas de atuação que sejam pedagogicamente eficazes e adaptáveis às variações de habilidades e de repertórios apresentados pelos alunos (Mizukami, 2000).

Shulman (1989) identificou pelo menos três tipos de conhecimentos a serem desenvolvidos na formação profissional docente: conhecimento proposicional, seria ele constituído por princípios e normas, comumente utilizado nos cursos de formação; conhecimento de casos particulares; e conhecimento das maneiras de aplicar regras adequadas a casos corretamente identificados, sendo esse o foco dessa pesquisa, já que o mesmo se baseia no desenvolvimento do autor/professor quando se encontra diante de situações complexas. De acordo com Shulman (1989), o conhecimento científico de regras tem como foco o modo como o professor vai aplicar, adaptar e, se necessário, inventar regras para determinados casos específicos desenvolvidos em aula, desenvolvendo melhor o manejo da sala, conteúdo específico e conhecimento dos alunos.

Sharan (1998), em seu livro: *Case Study Research in Education: A Qualitative Approach*, que explora os estudos de caso de ensino como uma metodologia de pesquisa qualitativa na área educacional, direciona alguns meios para tornar essa técnica essencial

para educadores, pesquisadores e estudantes que buscam compreender como aplicar os estudos de caso de maneira eficaz no contexto educacional:

1. Planejamento de um estudo de caso: definir o problema de pesquisa, reduzir os indivíduos que serão investigados, identificação das fontes de dados que serão utilizadas, sendo indicado de uma a mais fontes analisadas.
2. Coleta e análise de dados: são destacadas técnicas para a coleta de dados como entrevistas, grupos focais, observações diretas e análise de documentos. Merriam também discute as questões de validade e confiabilidade no contexto da pesquisa qualitativa, além de oferecer estratégias para a análise dos dados, como a codificação temática e a identificação de padrões.
3. Relato e Interpretação: os pesquisadores devem organizar e apresentar os resultados de um estudo de caso, ela sugere que os estudos de caso devem ser narrados de maneira clara, com explicações que ajudem o leitor a entender o contexto, os dados coletados e as interpretações feitas pelo pesquisador.
4. Exemplos Práticos: citar casos reais em educação ajuda os leitores a entender como aplicar a metodologia na prática.
5. Reflexão sobre ética e reflexividade: a privacidade dos participantes e a ética na coleta de dados é fundamental, a importância da reflexividade do pesquisador durante o processo de pesquisa, considerando como suas próprias crenças e valores podem influenciar o estudo.

Considerando esses pressupostos, para a coleta de dados da atual pesquisa foram utilizados os DC e DB, tendo como os principais personagens o professor de Educação Física e alunos que frequentam os anos finais do Ensino Fundamental de uma escola Estadual de São Carlos - SP, com faixa etária média de 11 a 15 anos de idade e como protagonista a própria pesquisadora que foi bolsista do PRP. Considerando este cenário, personagens e protagonistas, foram estruturadas narrativas (auto)biográficas abordando situações/experiências que analisamos como casos de ensino.

Passeggi (2014), nos apresenta a importância dessa reflexividade autobiográfica como uma disposição humana para refletir sobre si e as experiências vividas, podendo assim ser compartilhada com o próximo. Todas essas experiências descritas nas narrativas autobiográficas podem ser apresentadas de forma oral, escrita, digitalizada, fotografada, filmada, não importa sua textualização; análises e publicação. Para Bourdieu (1997), em

cada uma delas, o pesquisador corre o risco de praticar involuntariamente o ato da violência simbólica contra as pessoas que se dispuseram a contar a história de suas vidas ou a narrar suas experiências, desse modo, para não expor os indivíduos da minha pesquisa, todos os nomes, gênero e idade aqui citados serão fictícios, na qual a única informação verídica é a série e escola que os mesmos frequentavam. De modo que o rigor científico na construção dos conhecimentos com base nas minhas narrativas autobiográficas desdobra-se no cuidado com a ética no uso dessas fontes e na elaboração do método da pesquisa escolhido.

5. PRIMEIRO CONTATO COM O MEIO ESCOLAR NO PRP: O INÍCIO DE TUDO

Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa, de algum modo, escrito em mim. Tenho é que me copiar... (Lispector, 1977, p.30)

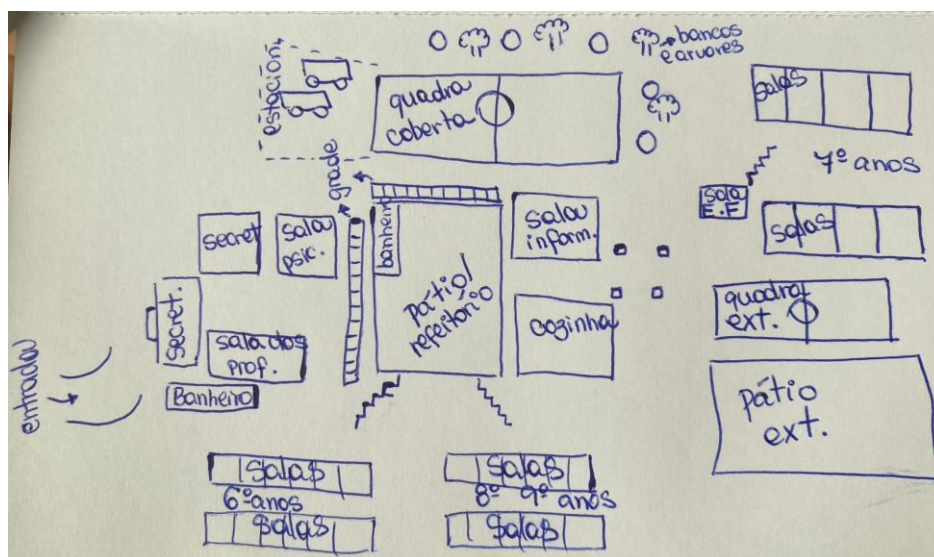
A ideia de iniciar a escrita de uma Monografia me gerou inúmeras indagações, e principalmente a ânsia de poder escrever sobre todo meu processo como Residente Pedagógica, porém, como fazer isso? Inicialmente optei em realizar uma pesquisa de campo, sobre a competitividade nas aulas de Educação Física, mas e todo o meu repertório e experiência absorvida durante o PRP, como incluir o mesmo na minha pesquisa? Confusa e sem muitas expectativas decidi dar um tempo e suspender a escrita. Após um semestre sem pensar sobre, decidi que não era mais possível retardar essa etapa, desse modo, entrei em contato com meu atual orientador e coordenador do PRP, Professor Doutor Osmar Moreira de Souza Junior, o mesmo abraçou minha orientação e me apresentou a narrativa autobiográfica, de início eu suspeitei e duvidei de mim. Questionamentos surgiram, por exemplo, “Como começar? Por onde? Devo falar sobre o que?”. Enfim, depois de dias nessa tortura que eu mesma me coloquei, resolvi começar do início.

Em 2022, quando iniciei no PRP, meu principal objetivo era ter contato com o ambiente escolar, de forma mais integrada do que os estágios tinham a me oferecer. Na primeira reunião, de apresentação, realizada no Departamento de Educação Física e Motricidade Humana - UFSCar, tivemos como pauta a apresentação dos residentes com os professores preceptores, divisão nas escolas, agendamento das reuniões pedagógicas e toda logística do PRP. E foi nessa reunião que tive meu primeiro contato com o Professor Mário Lúcio Amorim Filho, sendo para ele tudo novo também, já que era a primeira vez do mesmo como Professor Preceptor de Residência Pedagógica. Em uma breve conversa com o Professor Mário, de acordo com seus horários, nos dividimos em dois grupos para a frequência semanal na escola, sendo que meu trio ficou definido às sextas-feiras.

A primeira vez que fomos até a Escola Estadual Atilia Prado Margarido, lembro como se fosse ontem, particularmente, me sentia insegura, ansiosa e com pouca discrepância da realidade de ser aluna do ensino médio, já que em menos de 3 anos atrás

eu fazia parte daquela realidade. Então o que me distinguia dos outros alunos que ainda estavam na escola? Talvez o ingresso na Universidade, a maioria, ou quem sabe o fato de agora ser Residente Pedagógica, mas não, nada disso me diferenciava daqueles alunos. Eu naquele momento não era uma folha em branco, alguns conhecimentos prévios me faziam ser quem sou, mas de qualquer forma naquele momento eu poderia me considerar um livro que por mais escrito e rasurado, ainda havia inúmeras páginas em branco para serem escritas.

Nessa primeira visita à escola, fui acompanhada com outros 2 estudantes de Educação Física e colegas meus, na qual me acompanharam durante todo o PRP, os alunos Rodolpho Guaratti e Matheus Fontebasso Ramiro Menin. Caminhamos em direção à secretaria da escola, na qual fomos apresentados para a gestão escolar que coordenava na época. Para facilitar ao leitor a visualização e o entendimento sobre a distribuição e espaço da escola, segue a ilustração retirada do DB-DEZEMBRO 2022.



DB - DEZEMBRO 2022

Demorou um tempo para eu entender toda a logística física da escola que era muito grande. O lugar é dividido por 2 prédios, no primeiro (mais antigo), ficava 1 quadra coberta (local onde realizamos a maioria das aulas fora da sala, por conta da segurança do sol e chuva, tendo uma acústica ruim), 1 quadra externa, 1 pátio externo, secretaria na entrada, 2 banheiros aos funcionários (fomos orientados a utilizar esse banheiro), sala dos professores com armários, cozinha, sala de informática e sala de acompanhamento psicológico (não funcionava pois não havia funcionário), e salas de aula no andar de cima.

No segundo prédio localiza-se a sala de materiais da Educação Física e no andar de cima mais salas de aula.

6. APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTO PARTILHADO

Sofrem ambos da falta de dúvida (Freire, 2005, p.14).

Certo dia ouvi de um professor da graduação, que toda vez na qual você for dar aula, ou apresentar um conteúdo novo, ou uma nova didática, ou acolher uma nova turma, se nesse processo você perder o frio na barriga, aquele mesmo frio na barriga de quando vamos apresentar um trabalho em grupo na frente de toda turma, ou quem sabe aquele frio quando interrompemos a aula para um questionamento que consideramos bobo, então, esse frio na barriga, se um dia perdemos ele, talvez perdemos também a essência de ser professor. Atualmente, entendo o significado dessa frase, mesmo depois de ter finalizado o Programa Residência Pedagógica, quando entro em uma sala de aula, ainda sinto a mesma ansiedade, mas agora talvez com algumas folhas mais rasuradas e rabiscadas.

Durante o programa, além da frequência e experiências vividas na escola, tive também uma imersão sobre conteúdos e referências bibliográficas que me auxiliaram, e principalmente provocaram inúmeros questionamentos sobre o ambiente escolar.

Os questionamentos, a existência da dúvida, é essencial para a evolução do saber do ser humano. Por si só, a ida na escola provocava inquietações interiores, contudo, tínhamos um espaço reservado para a discussão e compartilhamento das nossas experiências semanais vividas na escola, na qual o Professor Coordenador Osmar durante as reuniões também fazia a partilha de alguns conteúdos, com o intuito de provocar o pensamento crítico dos residentes, de forma dialógica e expositiva. Jamais esquecerei da provocação que tive em meu ego com o livro de Paulo Freire, A pedagogia da Esperança. O Professor Osmar nos orientou a fazermos a leitura da página 35 a 42, para que na próxima reunião fossem discutidos alguns pontos. Me lembro como se fosse ontem, a primeira vez que li o capítulo me senti perdida, as palavras se embaralhavam, não faziam sentido. A segunda vez comecei e não terminei. Então retomei pela terceira vez, porém, desde o início, não estava sendo fácil de absorver a leitura. Chegara então a manhã de discussões sobre o capítulo, me lembro muito bem daquela manhã, eu estava despreparada e sem questionamento algum, oras como iria discutir sobre algo que eu não entendi? Foi então que o Professor Osmar disse que iria ler parte desse capítulo, pedindo ajuda de alguns residentes para a leitura.

Agora o senhor chega e pergunta: Ciço o que é educação? Tá certo. Tá bom, o que que eu penso, eu digo. Então, veja, o senhor fala: "educação"; daí eu falo: "educação". A palavra é a mesma, não é. A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: "educação". Mas então eu pergunto pro senhor: É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra? Ai eu digo: Não. Eu digo pro senhor desse jeito: Não, não é. Eu penso que não.

Educação... Quando o senhor chega e diz educação", vem do seu mundo. O mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala vem dum outro lugar, de um outro mundo. Vem dum fundo de oco que é o luar da vida dum pobre, como tem gente que diz. Comparação, no seu essa palavra vem junto com quê? Com escola, não vem? Com aquele professor fino, de roupa boa, estudado, livro novo, bom, caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa do seu jeito, como deve ser... Do seu mundo vem estudo de escola que muda gente em doutor. É fato? Penso que é, mas eu penso de longe, porque eu nunca vi isso aqui (Freire, 1992, p. 36).

Paulo Freire, se eu pudesse te encontrar hoje para discutir sobre sua escrita, e espero não poder, não tão cedo, eu diria que por mais difícil que seja, ela é necessária. Porém, ela só se fez necessária e principalmente esclarecedora a partir da mediação do Professor Osmar. Por que agora era tão mais fácil de entender, sendo que eu tentei a leitura inúmeras vezes? Naquele momento eu não sabia o impacto dessa questão, porém, hoje de forma mais amadurecida, entendo que Freire não escreveu para ser entendido, muito menos interpretado, mas sim vivenciado. A forma como o Professor lia os versos, narrava para si e para os outros, transparecia sua vivência, sua docência, a bagagem de ser professor, uma sensação que naquele momento eu não estava pronta para receber, e talvez eu nunca esteja de verdade, mas diferente de antes, agora consigo sentir, sentir o que é ser professora, ainda me arrisco a dizer que, Ciço representou muito bem o conceito de Educação. A mesma vai muito além do conceito de Educação formal na qual estamos habituados a relacionar, ela é fundamental para o desenvolvimento individual e coletivo, promovendo autonomia, cidadania e progresso social, sua principal marginalização é quando o mediador não a vê como um direito humano essencial, ferramenta poderosa para transformar vidas e sociedades.

Mas quem é o mediador da Educação? A Educação pode ser propaganda por meio de uma cultura, família, grupo de pares, pelo lazer, pela religião, enfim, diversos instrumentos mediadores, porém, dedico essa escrita de forma especial ao mediador Professor Mário Lúcio de Amorim, que foi meu Preceptor de todo saber desenvolvido na Escola Estadual que frequentamos durante o PRP. A construção da identidade docente é um processo biográfico e relacional de reapropriação crítica das experiências vividas ao

longo da vida (Dubar, 1997), de alguma forma, os mediadores citados anteriormente foram importantes para a formação da identidade atual do Professor Mário, sua criação, origem, experiências na infância, lugares onde estudou, dificuldades e motivações, atribuíram a Educação em sua vida, na qual, esses fatores somam para a sua formação como Professor, porém, esse processo deve ser contínuo, um Professor não se torna Professor, ele é Professor, pois vive diariamente novas experiências. A formação do professor é descrita como: “um processo longo e complexo, de natureza multidimensional, idiossincrática e contextual” (Dinkelman; Margolis; Sikkenga, 2006; Flores; Day, 2006; Akkerman; Meijer, 2011).

O método de ensino do Professor Mário na maioria das vezes tinha como estratégia promover o aprendizado, desenvolvimento motor, socialização, mas principalmente a autonomia dos alunos, priorizando sempre a aprendizagem positiva dos alunos.

(...) observamos também comentários e brincadeiras gerados pelos alunos mais proativos, contra os alunos menos habilidosos e ativos, gerando um desconforto nítido entre os participantes. (...) durante a aula prática consecutiva da semana seguinte, o professor iniciava a aula já reajustando os alunos para evitar a competição negativa, incluir mais os alunos e dar oportunidade igualitária a todos, exemplo realizando uma separação diferente das equipes, propondo novas regras durante as partidas. (DC - RELATO DE EXPERIÊNCIA PRP)

As aulas de Projeto de Vida, também eram de responsabilidade do Professor de Educação Física, o mesmo utilizava do método de descoberta guiada, no qual os alunos eram desafiados a desenvolverem respostas autorais e principalmente vividas pelas experiências de vida, em seguida o Professor abria o espaço para o compartilhamento de ideias entre os alunos, gerando questionamentos e pensamentos críticos sobre os acontecimentos.

Iniciando a aula de projeto de vida, o tema era relacionado ao autoconhecimento, onde os alunos foram desafiados a dizerem dois pontos negativos e duas facilidades que eles reconheciam em si. Na roda de conversa para eles exporem suas respostas, poucos levantaram a mão, fazendo assim com que o professor Mário os motivasse a falar, trazendo assuntos da realidade daqueles alunos, até que algumas respostas surgiram. (DC - 22 AGOSTO 2023)

A abordagem, metodologia, dinâmica e didática utilizada pelo Professor a longo prazo aproximou os alunos das aulas, gerando mais confiança, autonomia e pensamento crítico.

7. CASOS DE ENSINO

7.1 PLANO DE AULA: PRIMEIRA CRIAÇÃO DE UM PLANO DE AULA, DISTRIBUIÇÃO DE TURMAS.

Durante a formação do licenciando em Educação Física pela UFSCar, são obrigatórios na grade curricular quatro estágios, sendo eles, Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Por conta do período atípico gerado pela pandemia da COVID-19, a única experiência com o Estágio Obrigatório que desenvolvi até o início do PRP, foi de forma remota, na qual, o Plano de Ensino era composto pela estratégia de compartilhar conhecimentos teóricos e práticos necessários à formação do professor de Educação Física, que pudessem ser vivenciados em condições reais, contudo de forma remota, simulando o ambiente escolar. Os planos de aulas que criei para o meu primeiro estágio remoto, Ensino Infantil, não me proporcionaram uma condição ideal e principalmente o contato com os alunos e ambiente escolar, realidade na qual só presenciei quando entrei no PRP.

Após 1 ano de frequência no PRP, as relações que construí com o Professor Mário, gestão escolar, ambiente, alunos e colegas de residência estavam mais amadurecidas. Além disso, meu conhecimento sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Currículo Paulista, agora eram mais elaborados, me auxiliando na montagem e distribuição das aulas.

Compartilhando melhor sobre esses dois documentos utilizados pela escola, o PPP é um documento que reúne os objetivos, metas e diretrizes de uma escola, sendo fundamental para a gestão e a organização. Ele reflete a identidade da instituição e orienta sua atuação pedagógica e administrativa, promovendo uma visão clara dos objetivos educacionais e dos valores que norteiam a prática escolar, na construção é obrigatório a participação de forma coletiva, envolvendo gestores, professores, alunos, pais e outros membros da comunidade, não existe uma data específica de criação do Projeto, mas sua formalização e obrigatoriedade no Brasil surgiram com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 20 de dezembro de 1996 (Lei nº 9.394/96).

O PPP da escola em que realizei o Residência, tinha como epígrafe a frase de Michael Jordan: “O talento vence jogos, mas só o trabalho em equipe ganha

campeonatos”. O PPP é um documento que envolve toda uma complexidade, sobretudo em seu processo de construção, neste sentido identifiquei algumas questões como a falta de todos os membros da escola para a produção do documento e sua desatualização, tornando um empecilho no plano ideal de um PPP.

Já o Currículo Paulista tem como uma de suas metas estabelecer as competências e as habilidades essenciais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes paulistas e considera sempre sua formação integral na perspectiva do desenvolvimento humano, a principal referência educacional adotada no estado de São Paulo para orientar e padronizar as práticas pedagógicas das escolas da rede pública. Ele tem como objetivo assegurar uma educação de qualidade, equitativa e alinhada às competências gerais e específicas estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse documento era o principal eixo orientador do Professor Mário para a organização de suas aulas, utilizando o mesmo como uma diretriz, porém, sempre inovando e trazendo atividades extras. Assim, o Currículo Paulista não era a única referência para desenvolver as aulas do Professor Mário e também foi o ponto de partida para a criação e desenvolvimento das minhas regências, mas não a única.

O Professor Mário era acompanhado por cinco residentes, cada estudante pegaria uma turma distinta (6º, 7º, 8º, 9º), sendo que uma turma teria dois residentes de uma vez. Pelo fato da minha aproximação com a turma do 7ºB, fiquei responsável pela mesma. Essa sala era composta por 28 alunos, com um detalhe em especial. Foram agrupados 3 alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) para frequentarem a mesma sala, em especial a aluna Maria (nome fictício), que apresentava alterações físicas e funcionais, relacionadas ao desenvolvimento motor, linguagem e comportamental, sendo ela diagnosticada e acompanhada pela mãe.

7.2 PLANO DE AULA: ENSINO ADAPTADO AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).

Para entendermos as respostas atribuídas pela aluna durante a minha primeira regência, é preciso voltar um pouco e acompanhar o histórico dela, observando seu comportamento, dificuldades, limitações, avanços e progressão. No início do PRP quando fomos apresentados, a aluna Maria assistia a aulas acompanhada de sua mãe (que precisou

abrir mão de seus compromissos profissionais para isso), por conta da falta de um Educador Especial para acompanhá-la em sala.

O Professor Mário iniciou a aula instalando o som, e em seguida fazendo a chamada para ver os alunos presentes de modo virtual, pois seu diário de classe se encontrava no celular. A sala do 6º ano C tem uma aluna com TEA que assiste às aulas com sua mãe, quem responde a chamada é sua mãe. (DC - 18 NOVEMBRO 2022).

Um novo espaço, novas pessoas, novos professores, uma nova vida para se enquadrar, tudo era novo para a aluna Maria. Ao mesmo tempo, a situação de ter uma aluna TEA severo, diagnosticada e que necessitava de acompanhamento especial, também era novo para o Professor Mário e para mim. As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam dificuldades em se comunicar e estabelecer interação social com as demais pessoas, apresentando também comportamentos estereotipados e repetitivos. Maria não exercia comportamento agressivo, repetitivo e estereotipado, mas tinha muita dificuldade de interagir com as outras pessoas, seu semblante era tímido, olhar baixo e não fazia contato visual direto, sempre que possível preferia permanecer em sala.

Como de costume o professor liberou os alunos e lembrou do combinado de todos esperarem sentados na quadra pela nossa chegada, exceto a aluna Maria que não quis descer. (DB - 24 FEVEREIRO 2023).

Era necessária uma intervenção, era notório a insatisfação do Professor Mário, ele queria se aproximar da aluna, e principalmente garantir o acesso dela à educação de forma igualitária. Eu não sabia como me expor para ela, me sentia insegura, com a sensação de não estar pronta para um diálogo, preferia não interagir com medo de gerar algum desconforto. Foi necessário paciência, iniciamos trabalhando as potencialidades individuais dela, respeitando seu o tempo e os limites. Segundo Mandela (2010), se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele, utilizando dessa vertente, sabíamos que a aluna Maria não compreendia as letras e números ainda, era necessária outra forma de comunicação para ela realizar as atividades. Professor Mário então pediu para que ela fizesse um desenho em seu caderno de alguém que ela gostava, e assim foi feito. Encontramos uma forma de nos comunicar com Maria.

O tema era relacionado ao autoconhecimento, onde os alunos foram desafiados a dizerem dois pontos negativos e duas facilidades que eles

reconheciam em si (...). Para a aluna Maria foi pedido um desenho bem colorido, utilizando as cores que ela gosta, para alguém especial. (DC - 22 AGOSTO 2023)

Com a evolução gradual da aluna sua mãe não sentia mais a necessidade de ficar em sala a acompanhando. A Psicomotricidade na prática educativa é essencial para o processo de aprendizagem das crianças com TEA, por proporcionar benefícios que auxiliam no seu desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo social por meio de atividades motoras que ajudam a conhecer e dominar seu próprio corpo (Aquino, 2012). A aluna Maria com os pequenos estímulos semanais começou a se sentir mais confortável, como resposta agora ela saía da sala e ia até a quadra com seus colegas de sala.

6.2 APLICAÇÃO DO PLANO DE AULA: GINÁSTICA RÍTMICA.

A seguir fomos até o 7ºB às 13h33 eu realizei a chamada com os alunos na qual eu iria realizar minha primeira regência. Após a chamada, notei que a sala estava visivelmente cheia, faltaram apenas 4 alunos. Antes de saímos para a quadra o Professor Mário conversou com os alunos que hoje era eu quem iria dar a aula prática de ginástica rítmica e que os mesmos deveriam fazer o que sempre fazem, participar e serem atenciosos. Após a conversa nós saímos e fomos até a quadra. (DC - 03 AGOSTO 2023)

Como montar uma aula de ginástica rítmica, sendo que eu nunca havia vivenciado a mesma, porém, agora com um grande adendo, teria que ser uma aula de ginástica rítmica que desse a oportunidade de todos os alunos participarem, sabendo que agora eu tinha uma aluna com limitações físicas e cognitivas.

O futuro profissional encontra um sério problema decorrente da grande quantidade de disciplinas práticas esportivas obrigatórias nos currículos da Licenciatura em Educação Física, que é a dificuldade em caracterizar a própria Educação Física, confundindo a educação do movimento, foco de atenção da Educação Física com a educação pelo movimento, não justificando sua existência nos currículos escolares principalmente no ensino da pré-escola e primeiro grau ...” (Pellegrini, 1988 p.258).

Como Pellegrini citava (em 1988), a Educação Física vai muito além das práticas esportivas, desenvolvimento da técnica e capacidades motoras. Para o Professor que cursou quatro anos a faculdade de Educação Física, e ainda difunde a ideia de apenas dividir os alunos em duas equipes independente da modalidade esportiva na quadra,

apita jogos, organizar desfiles, lidera eventos recreativos, esquecendo-se que o Professor de Educação Física acima de tudo, é um educador, e sua área não é apenas uma disciplina de lazer quando comparadas às outras, é necessário compreender primeiro sobre a natureza da Educação Física, para depois se desenvolver como Professor.

Compreendendo que eu não dominava as técnicas e movimentos da ginástica rítmica, mas compreendia seu conteúdo para o desenvolvimento crítico e socioafetivo necessários aos alunos, criei um plano de aula na qual todos tinham a oportunidade de vivenciar os gestos da ginástica rítmica, como movimentos pré-acrobáticos, saltos, rotação corporal, giros, posições de equilíbrio e força, agrupados com trabalho em equipe, paciência, atividades em conjunto evitando e exposição individual e contato com os materiais produzidos por mim, que se aproximavam dos originais.

Com todos os alunos em quadra, os separei em 4 grupos distintos que iriam realizar as atividades simultaneamente, cada um na estação destinada. A divisão foi feita por mim com a brincadeira do 1, 2, 3 para dividir igualmente os alunos, separando os grupos de amizade ou contato, realizando assim novas socializações. (DC - 03 AGOSTO 2023)



Estação de bambolês e bolas (os alunos exploraram os movimentos individualmente e em grupo dos bambolês e das bolas como as ginastas rítmicas fazem).



Estação de fitas (os alunos exploraram os movimentos individualmente e em grupo das fitas que foram customizadas por mim com cetim, aprendidas e desenvolvidas na aula o professor Osmar).



Estação dos movimentos da ginástica rítmica (os alunos exploraram os movimentos individualmente e em grupo das imagens que estavam coladas no chão como exemplo).

(DC - 03 AGOSTO 2023)

Sendo esta a minha primeira regência, claro que situações desafiadoras apareceram e foram necessárias algumas atitudes rápidas de intervenção.

Os alunos durante as estações se mostraram receptivos e atentos para realizar as atividades, o Professor Mário e eu notamos algumas dificuldades e juntos fizemos algumas alterações necessárias, como a

modificação do lugar da atividade e até mesmo a execução de alguns movimentos. (DC - 03 AGOSTO 2023).

A aula foi planejada e montada no centro da quadra, em pequenas estações como mostra a ilustração anterior, porém a aluna Maria não se sentia segura em ir até o centro da quadra, aquele espaço era desconhecido e inseguro para ela. Eu havia preparado um material a parte de todas as estações para que a aluna pudesse participar da aula, mas durante a minha execução, notei que eu estava segregando a mesma de participar em conjunto com os colegas de atividade que seriam de grande importância para seu crescimento pessoal. Desse modo, em cima da hora pedi ajuda ao Professor Mário e a outro residente para aproximar de forma rápida todas as estações para a lateral da quadra, onde a aluna se sentia segura. Como resposta, a aluna Maria não esperou meus comandos, por observar como seus colegas se moviam, ela começou a explorar e realizar os movimentos sozinha.

Uma situação que me chamou muito a atenção foi a forma como a aluna Maria, que possui deficiência intelectual, se mostrou super cooperativa e participativa na aula a partir da mudança de aproximar as estações sobre o espaço que a mesma se sentia confortável em realizar a aula. Isso deixou o professor Mário e eu muito felizes. (DC - 03 AGOSTO 2023).

Com isso, na percepção de uma escola inclusiva, a diversidade deve ser a norma e não mais a exceção (Seminotti, 2008). Naquele momento, após a aula, eu não notei inúmeros fatores que poderiam ter sido colocados em questão. O primeiro, se dá no fato de procurarmos sempre a homogeneidade, de olhar todos os alunos como se fossem iguais, mas não são! O professor precisa estar atento à singularidade de cada aluno, promovendo a integração entre todos sem intencionar a tão almejada turma “homogênea”, não me refiro apenas aos alunos neuro-divergentes, mas a todos os alunos, a todo indivíduo, cada um traz consigo uma vertente, abordagem, vivência, realidade distinta, desse modo, cada indivíduo tem uma experiência única do que é a vida, do mesmo jeito que cada aluno absorve uma experiência única e particular de como agir em aula e principalmente o que absorver da mesma.

Segundo Sasaki (2005), a inclusão é um processo mundial irreversível, pois é a partir de práticas baseadas na valorização da diversidade humana, no respeito pelas diferenças individuais que se abrem caminhos para a construção de uma sociedade

verdadeiramente para todos. No momento em que pedi para o Professor Mário me ajudar a deslocar as estações para mais próximo da lateral, incluindo a participação da aluna Maria, senti e vi a necessidade que ela me apresentou, e foi isso que fiz naquele momento, porém, hoje vejo que isso vai muito além, “Por que utilizar o centro da quadra?”, “Não existiam outros espaços mais interessantes?”, “Por que quando recorremos à Educação Física, pensamos unicamente na quadra?”, esses questionamentos se tornaram mais frequentes após o término do PRP, posso afirmar que viver, viver inúmeras vezes, viver intensamente, nos gera a experiência, que quando multiplicada, gera a nossa maneira de ver e compreender o mundo que fomos um dia.

8. EPÍLOGO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

A experiência de narrar, faz com que você reviva os momentos, e pense “Por que eu não fiz diferente?”, mas qualquer ato divergente do que eu fiz, não iria me atribuir a ciência atual que tenho. O PRP diferente dos estágios obrigatórios, perdurou durante 1 ano e 8 meses, um tempo maior de convivência, com experiências mais aprofundadas, diálogos mais maduros, referenciais teóricos específicos que só o Programa pode atribuir aos seus participantes.

Eu não queria apenas escrever um texto com quarenta páginas. Desde o início da sua leitura queria que minha escrita dialogasse com você, ou ao menos transcendesse minimamente, como foi o processo de participar do PRP. Contudo, sinto que conforme as palavras eram escritas, minha história também foi escrita, e em vários momentos eu dialoguei comigo mesma, revendo situações vividas e algumas decisões equivocadas cometidas que atualmente eu tomaria outras atitudes, porém, isso só foi possível graças ao Programa Residência Pedagógica.

No ano de 1929, foi fundado por um grupo estudantil, na cidade do Rio de Janeiro, a Casa do Estudante do Brasil, considerada um ponto de partida das ações de assistência estudantil no país. Para Alves e Brito (2021, p. 30), este local pode ser visto como “um exemplo histórico da pressão social por políticas de assistência estudantil, imprescindíveis à permanência do estudante desfavorecido socioeconomicamente na universidade”. Os estudantes que se encontravam em situação de vulnerabilidade econômica e social tinham na Casa do Estudante um espaço onde poderiam receber alimentação gratuita e auxílio financeiro para se manter, durante o período de estudos. Ao longo dos anos, o ensino público superior foi sendo ampliado no Brasil, tendo sido criadas, entre as décadas de 1950 e 1970, diversas universidades federais, em todos os estados da federação. Em um mundo ideal das ideias, o aluno que frequenta a atual Universidade Pública sendo ela estadual ou federal, tem um futuro garantido já que seus estudos são custeados e investidos financeiramente pelo governo, entretanto qual a garantia que esse aluno tem para a permanência dos estudos? Existem gastos mínimos que o aluno necessita para ter condições como materiais de estudo, internet, equipamentos eletrônicos, transporte, dentre outros. Não apenas estes, mas outros fatores externos fazem com que este aluno desista da oportunidade de frequentar a graduação pública. Para isso, e por isso, entram os Programas de Permanência Estudantil.

Todo meu trabalho desenvolvido no PRP como o amadurecimento, crescimento pessoal, conhecimento do núcleo escolar e capacitação profissional, são importantes para minha formação como indivíduo social. Porém, eu não posso ser egoísta, ao ponto de não citar a motivação do auxílio financeiro proporcionado pelo programa. Foram 18 meses recebendo bolsa, na qual o valor oscilou de 350,00 reais no início do programa, para 700,00 reais, implementada no ano de 2023 logo nos primeiros meses do governo do presidente Lula. Esse valor me ajudou no deslocamento até a escola, também as idas até a Universidade para as reuniões semanais.

Os materiais que utilizei durante as aulas, também foram custeados com esse valor. Não apenas, consegui investir o auxílio financeiro da bolsa em custeio pessoal, custos estes que demandariam um serviço fora do tempo de estudo, desse modo, não podendo participar do PRP caso o mesmo não fosse remunerado. Infelizmente também no ano de 2023 o Programa Residência Pedagógica chegou ao fim, não abrindo edital para novas turmas, sendo substituído pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), agora ampliado para alunos que concluíram mais de 60% do curso, o mesmo é desenvolvido como uma política governamental de formação de docentes em nível superior magistério, com a ressalva na melhoria da qualidade da educação básica, que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação.

Quando falamos do fim de um programa para a assistência estudantil, falamos também da extinção de um grupo de ações com o objetivo de reduzir a evasão, principalmente dos discentes que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Para mim, e para aqueles que tiveram a oportunidade de participar de um programa remunerado e de qualidade, obrigada! E para aqueles que não tiveram a mesma oportunidade, lutem, é preciso mais!

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, D. C; BRITO, M. L. L. Permanência estudantil e autonomia universitária: a questão do SiSu no contexto de uma universidade estadual do interior da Bahia. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 26, p. 24-44, 2021.
- AQUINO, M. F. S. et al. A psicomotricidade como ferramenta da Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 4, n. 14, p. 245-257, jan.-dez. 2012. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/145/150>. Acesso em: 20 janeiro de 2025.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 693-732.
- BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, Distrito Federal, 16 jul. 1990.
- BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Edital CAPES n.º 06/2018: Programa de Residência Pedagógica. Chamada pública para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica. Brasília, DF: CAPES, 2018.
- BRUNER, J; WEISSER, S. **A invenção do ser: a autobiografia e suas formas: Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995. p. 141-161.

DINKELMAN, T; MARGOLIS, J; SIKKENGA, K. From teacher to teacher educator: experiences, expectations, and expatriation. **Studying Teacher Education**, v. 2, n. 1, p. 5-23, 2006.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992. p. 245.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 213.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

NONO, M. A; MIZUKAM, M. G.N. Casos de ensino e processos de aprendizagem profissional docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 83, p. 203-205, 2019.

PASSEGGI, M; NASCIMENTO, G; OLIVEIRA, R. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, v. 33, p. 111-125, 2016.

PELLEGRINI, A. M. A formação profissional em educação física. In: PASSOS, Solange C. E. (Org.). **Educação Física e Esportes na Universidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto, 1988. Disponível em: <https://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/1122>. Acesso em: 20 janeiro de 2025.

PRADO, G.V.T; SOLIGO, R. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas: 2007. p. 45-59.

SASSAKI, R. K. Inclusão: o paradigma do século 21. **Inclusão Revista da Educação Especial**, Brasília, out. 2005, v. 1, n. 1, p. 19-23.

SMEHA, L.N; SEMINOTTI, Nair. Educação inclusiva: perspectivas da diferença no grupo de alunos. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 33, n. 2, p. 305-322, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em: 18 de janeiro de 2025.

SOUSA, L. P. S; SOARES, M. E. **Políticas de permanência estudantil no ensino superior**: a importância do Programa Restaurante Universitário. SciELO Preprints. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10208>. Submetido em: 14 out. 2024.

VENÂCIO, L; SANCHES NETO, L. A relação com o saber em uma perspectiva (auto)biográfica na educação física escolar. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 04, n. 11, p. 729-750, 2019.